

TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES *PUNKS* EM GOIÂNIA:

Resistência de uma cultura juvenil

Juliana Mendes de Moraes

Bacharel e licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. julimendesdemorais@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo é resultado de uma pesquisa desenvolvida no decorrer do ano de 2007 na cidade de Goiânia, com o objetivo de estudar os territórios *punks* existentes na cidade. A escolha de um grupo que é marginalizado pela sociedade em que estão inseridos pode causar estranhamento, mas trata-se de uma cultura juvenil que tem uma proposta de ação interessante dentro da sociedade em que estão inseridos o “faça você mesmo”, ou seja, não esperem e não dependam de ninguém para fazer algo pela e na cena. Assim, para atingir o objetivo o conceito de território e territorialidade pareceu mais adequado, pois a sua dominação está relacionada com o exercício do poder, o qual o “nós” e os “outros” são bem estabelecidos e delimitados. E isto pode ser comprovado através de olhares que são direcionados a quem não participa da cena. Assim, a cidade de Goiânia tem atualmente dois espaços que ao serem apropriados por indivíduos *punks*, acabam se transformando, mesmo que momentaneamente, em seus territórios: a *Hocus Pocus*, uma loja, e o *Capim Pub*. Nestes locais o *punk* ainda resiste. São territórios sem temporalidade definida, que são demarcados somente quando os *punks* estão nestes locais. É através desta não determinação de regras, com nada fixo ou bem definido, que permite a sua sobrevivência na cidade.

Palavras-chave: território – territorialidade – Goiânia – cultura juvenil – *punk*

PUNK’S TERRITORY AND TERRITORIALITY IN GOIÂNIA: The Resistance of a Youth Culture

Abstract

This article is the result of a research developed in 2007 in the city of Goiânia for the purpose of studying punk’s territories along the city. Choosing a marginalized group by its own society might cause an unfamiliar reaction but it is, in fact, a youth group which has an interesting suggestion of action in the society which they belong to: ‘do it yourself’, i.e., you cannot expect and do not depend on anyone to do something *for* and *in* scene. Therefore, in order to achieve our goals, the concept of territory and territoriality seemed more appropriate since its domination is related to the practice of power in which the limits between ‘us’ and ‘the others’ are defined. One can verify it by observing the position of the ones who are not in the scene. Thus, the city of Goiânia has, nowadays, two spaces appropriated to punk individuals where ended up becoming their own territories at present: Hocus Pocus - a store, and Capim Pub. Into these two places punk still resists. They are territories with undefined temporality and they are only delimited when punk groups are inside them. It is through the non-definition of rules which permits the continuation of existence of this group in the city.

Keywords: Territory – territoriality – Goiânia – youth culture – *punk*

Considerações Iniciais

Os grupos juvenis têm uma dinâmica própria de ação dentro da sociedade em que estão inseridos. Estas acabam estabelecendo territórios e territorialidades próprias para a sua atuação, que podem ser tanto política quanto cultural. Desta forma, o presente artigo é o resultado de uma pesquisa desenvolvida no decorrer do ano de 2007, que tinha por objetivo estudar os territórios punks na cidade de Goiânia, principalmente em sua relação com o Setor Central, pois é um setor de fácil acessibilidade quando comparados a outros bairros da cidade. Coube, então, questionar: onde estão os seus territórios? Quais são as formas de apropriação simbólica e as relações de poder que são estabelecidos nos seus territórios?

A escolha do *punk* pode causar certo estranhamento, mas é uma cultura ainda incompreendida e marginalizada por parte da sociedade¹. Esta cultura juvenil apresenta uma filosofia muito importante para a sua sobrevivência: *Do it yourself*, ou “faça você mesmo”. Significa que “você” não precisa esperar por ninguém para fazer parte ou algo pela cena em que está inserido, que “você” tem autonomia para montar o seu *zine*, seu *show* e outras manifestações. Esta característica é muito importante para delimitar e definir os seus territórios, pois lhes conferem autonomia de agir da maneira que lhe convêm.

Para alcançar o objetivo proposto recorreu-se à pesquisa qualitativa, com a realização de alguns procedimentos: trabalho de campo, questionários e entrevistas. Foram realizados 10 trabalhos de campo, 7 na Hocus Pocus e 3 no Capim Pub, entre outubro de 2007 e janeiro de 2008. O trabalho de campo permitiu observar os territórios que são estabelecidos pelos *punks*, onde ficam, como são, quem frequentam além dos *punks*, e também as suas delimitações pelos mesmos: suas atitudes, formas de agir e de se portar, olhares direcionados a quem não é da cena, permitindo a participação ou não do pesquisador.

As entrevistas e questionários foram respondidos por *punks* que fazem ou já fizeram parte da cena. Os questionários foram importantes para estabelecer uma cronologia das territorialidades definidas ao longo dos anos pela ação dos indivíduos *punks* na cidade, pois perguntavam endereços e datas mais específicas. As entrevistas, que não foram estruturadas e não seguiam nenhuma rigidez, permitiram entrar mais neste universo, bem como esclarecer posturas e opiniões, gírias utilizadas, expressões corporais que permitiram esclarecer a questão de quem pertence ou não ao território.

Atualmente há na cidade dois territórios considerados muito importantes para a sua manutenção e atuação da cultura *punk*: *Hocus Pocus* e *Capim Pub*. Não são espaços

predominantemente *punks*, mas são apropriados por um momento e transformados em seu território. São nestes locais que os indivíduos *punks* podem manifestar a sua cultura.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: na primeira parte discute-se o conceito de território e a sua possibilidade de utilização para estudos com grupos urbanos juvenis; posteriormente é apresentado um pequeno histórico do movimento *punk* no mundo e suas características; e para finalizar discutem-se os territórios *punks* na cidade de Goiânia como uma forma de resistência desta cultura.

Território e Territorialidade: perspectivas de estudo para grupos urbanos

A apropriação do espaço geográfico por diferentes grupos urbanos pode levar ao exercício de alguma forma de poder. Também podem estabelecer laços simbólicos que em decorrência de alguns fatores subjetivos, podem transformá-lo em seu território. O estabelecimento e a manutenção dos territórios serão importantes para os grupamentos juvenis que surgirão nas cidades.

Os jovens irão se relacionar com aqueles que mantêm uma identificação, unindo-os em torno de um ideal comum, para afirmar as suas identidades. Vale ressaltar que dentro do movimento *punk* há pessoas que estão na cena há décadas, e, portanto, são considerados *olds*, que organizam *shows*, vendem seus *cd's* e *splits*², camisetas entre outras coisas relacionadas com o *punk*.

Assim, para pesquisar um grupo juvenil na cidade de Goiânia, os *punks*, o conceito de território foi o que mais se adequou à proposta. Uma vez que este representa a possibilidade de trabalhar com relações de poder e atribuições simbólicas.

O conceito de território trabalhado no final do século XIX e início do século XX estava muito relacionado com a posse de determinado espaço pelo Estado-Nação (MACHADO, 1997). Contudo, por um período ele foi abandonado pela ciência geográfica e só foi resgatado a partir da década de 1970. Este resgate se verificou através da necessidade de renovação da mesma “frente às contundentes mudanças econômicas e políticas que se manifestavam” (MACHADO, 1997, p. 25). Ou seja, os conceitos até então utilizados já não estavam conseguindo explicar, satisfatoriamente, todos os fenômenos que surgiam.

Neste resgate a análise da escala local será considerada e valorizada, o que antes era impensável. O território, nesta nova concepção, poderá ser um bairro, uma rua, uma cidade, um bar, uma loja, uma esquina, poderá ocorrer em diversas temporalidades e diversas

situações (assim, como um jovem *punk* afirmou, o movimento vive de “momentos”), algo relevante para ser considerado na formação de territórios por grupos urbanos juvenis. Ele irá assumir um importante papel para a geografia, pois o:

seu significado concreto, o que envolve não apenas o aspecto físico ou material, mas também tudo o que uma sociedade pode comportar como ideal, como representações, sentimentos de vinculação, de comportamentos individuais ou de instituições que participam de uma organização espacial. A questão fundamental continua sendo a de saber como se organiza uma sociedade na relação com o espaço, o que pressupõe examinar minuciosamente fatores materiais e não materiais (MACHADO, 1997, p. 26).

Alguns autores apresentarão novas contribuições para o estudo do território. Para Souza (2001) ele poderá ser compreendido e analisado a partir das relações de poder que são estabelecidas no espaço, e resultará em um “*campo de forças*” que define “um *limite*, uma *alteridade*”, uma diferenciação entre “nós” e os “outros” (p. 86. Grifos do autor). Ele também estabelecerá alguns aspectos importantes: a possibilidade do território formar-se e dissolver-se, ser instável e estável, existir regularmente ou periodicamente, ou seja, poderá ser percebido pelas diversas escalas geográficas e temporais, o que se adequou muito ao estudo com os *punks*.

Silva (2002) também dará ênfase para as relações de poder para a constituição dos territórios. Mas, dará um papel relevante para os limites e fronteiras, que serão importantes para o exercício do poder. Assim “território implica a existência de fronteira, mesmo que esta não seja demarcada e exista apenas como referência rarefeita e/ou imaginária” (p. 21-22). Aspecto muito relevante para determinar os territórios *punks*, pois os limites são definidos, muitas vezes, através da estética *punk* (que será definida posteriormente), posturas e atuações.

Já para Haesbaert (2002) o território é um “produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados” (p. 121). A sua formação, portanto, estará sujeita a estas nuances, com relações de poder, expressadas aqui pelo jogo de forças, quanto à dimensão simbólica que terá para aqueles que o habitam, convivem e o experimentam. Reflexões que são válidas para o estudo desenvolvido.

Outra proposta que se adequou a este trabalho são os estudos das territorialidades urbanas que se tornam um importante meio para observar e entender a nova realidade observada nos centros urbanos. Silva (2002) definiu que a territorialidade urbana “pode ser

entendida como a base de poder de determinado grupo sobre determinada área” (p. 27).

Machado (1997) enfatiza que a:

territorialidade corresponde às ações desenvolvidas por vários agentes sociais em uma determinada área geográfica e em um dado momento histórico. As ações são produzidas pelas diferentes relações estabelecidas entre os agentes em um específico recorte espaço-temporal. Nessas relações, estão incluídos não apenas os processos vinculados à esfera da produção, mas também, e talvez de forma mais incisiva os elementos culturais (...) (p. 28).

Deste modo, as ações e relações que são estabelecidos irão representar territorialidades próprias de determinado grupo social, que necessita definir seus limites, bem como estabelecer uma relação de poder perante outros grupos.

Os grupamentos urbanos juvenis, que se tornam a cada dia mais visíveis nos centros urbanos, possuem uma preocupação em delimitar, dominar e disputar territórios com outros grupos. Ao estabelecer suas territorialidades estes grupos urbanos o fazem através de posturas, ações e simbolismos, como gestos, olhares e vestimentas, e com a fala.

Ao relacionar estas questões, a territorialidade assim definida remete, segundo Sack, citado por Machado (1997), a uma estratégia que um grupo e/ou indivíduo exerce para controlar e delimitar uma dada área. Através de uma simples forma de se posicionar, atuar, marcas que são impressas no espaço e reconhecidos pelo grupo e/ou indivíduo servem para demarcar o seu território e o identificá-lo.

Assim, os territórios formados pelos indivíduos *punks* carregam em si uma relação de poder, em que são uma minoria enfrentando uma maioria, resultando na dominação de determinados espaços por determinado tempo. Suas posturas e ações demarcam o quão importante são as territorialidades urbanas, onde sua cultura é evidenciada, cultivada e vivida, respeitando e celebrando a diferença das cidades.

***Punk*: a resistência de uma cultura juvenil**

Como a proposta é estudar os territórios *punks* na cidade de Goiânia vê-se necessário resgatar o histórico do surgimento deste movimento. Um contexto de crises e novas buscas, que passaram a emergir na década de 1970 e perdura até os dias atuais, foram o estopim que faltava para os jovens criarem algo novo que os satisfizessem. O *punk* irá emergir de uma onda de pessimismo e da necessidade de reinventar a atuação do jovem³, perante a sociedade. Será, portanto, “uma nova cultura juvenil que se articulava ao mesmo tempo em torno de uma

reversão musical dentro do *rock*, e de um modo inusitado de se vestir” (CANHÊTE, 2004, p. 51. Grifo da autora).

Mas o que significa *punk*? Na língua inglesa *punk* pode ser traduzido como podre, algo sem valor e se referir até mesmo a pessoas desqualificadas (CANHÊTE, 2004; ABRAMO, 1994). Segundo Abramo (1994), os grupos *punks*:

são fundados em atitudes como rejeição de aparatos grandiosos e de conhecimento acumulado, em troca da utilização da miséria e aspereza como elementos básicos de criação, o uso da dissonância e da estranheza para causar choque, o rompimento com os parâmetros de beleza e virtuosismo, a valorização do caos, a cacofonia de referências e signos para produzir confusão, a intenção de provocar, de produzir interferências perturbadoras da ordem (p. 43-44).

Esta confusão de sentidos e significados servirá de base para o estilo e/ou estética *punk*. O estilo *punk* é algo que sempre causou estranhamento, o que traz uma forma inconfundível de reconhecimento e identificação. Camisetas rasgadas, calças rasgadas, cintos com rebites, jaquetas com inscrições próprias, camisetas com nomes de bandas, bótons, enfim toda uma construção pessoal que não dá espaço para modismo difundido pelo mercado consumidor. Tudo irá contribuir para a construção do visual.

Em relação ao surgimento do movimento *punk* impera somente confusão. Alguns autores afirmam que ele surgiu no ano de 1976, na Inglaterra (CANHÊTE, 2004; ESSINGER, 1999; ABRAMO, 1994) como uma reação ao conformismo que estava imperando, contra os valores ainda vigentes, dentro da sociedade inglesa. Para outros (MCNEIL e MCCAIN, 1997) o surgimento ocorrerá em Nova Iorque, no ano de 1965, a partir da banda *Velvet Underground*.

Portanto, a sua história é tão confusa quanto a sua essência e difusão. Segundo Caiafa (1985) o movimento *punk* irá surgir “internacionalmente a partir de um tipo de som bem-definido que é o *punk rock*” (p. 17. Grifos da autora), que tem como banda deflagradora *The Sex Pistols*.

Ainda para esta autora o som *punk* “é muito simples, e muito rápido” (p. 9) e não utiliza toda a parafernália (grandes composições, *shows* com luzes e em grandes locais) comum no *rock* anteriormente, o que possibilita o surgimento de bandas em que os integrantes não precisam necessariamente saber tocar bem um instrumento (algo impensável para outras vertentes da música). Daí é o resultado de toda a sua originalidade, pois permite que alguns jovens, mesmo sem saber tocarem absolutamente nada de qualquer instrumento, monte a sua própria banda.

A face que conhecemos do *punk*, e a que foi disseminada, se refere ao período de seu ressurgimento, na década de 1980, pois ele foi dado como morto após o fim da banda *The Sex Pistols*. Cabe ressaltar que os meios de comunicação de massa alavancaram esta banda, pois eram pratos cheios para qualquer tipo de reportagem: *shows* caóticos, abusos de drogas e diversas confusões. Vale ressaltar que esta banda não é muito aceita pelos *punks*, afinal se venderam para o mercado de discos da época, somente para auxiliar a venda de uma marca de roupas.

Segundo Essinger (1999) o *punk* como conhecemos se configurou como:

um movimento de resistência e contestação política, oposto ao pop e ao cinismo, com esquemas próprios de difusão de informações (os fanzines) e um circuito próprio de shows (baseado primeiramente nos squats). O som, o visual, as danças e os padrões de comportamento que eles criaram são também a base para o que tem sido seguido até hoje pelos punks – deve-se a essa segunda geração a noção de movimento e, por conseguinte, a de “traidores do movimento” (p. 72).

Ainda é necessário mencionar a importância dos *fanzines* na difusão do *punk*, afinal eles “são as principais formas de comunicação entre os punks. Eles são feitos por punks para punks e abrangem um amplo espectro de assuntos” (O’HARA, 2005, p. 66). Os fanzines trazem informações sobre as bandas, lançamentos de cd’s (anteriormente era discos e fitas), mas envolvem também “notícias sobre as pessoas do grupo e, sobretudo protestos, opiniões e posições” (CAIAFA, 1985, p. 27).

Eles podem ser considerados uma forma de imprensa alternativa feitos de forma rudimentar, sem grandes aparatos e organizações: colagens, textos datilografados (antes do amplo uso do computador), digitados ou manuscritos, xerocados em folhas de papel comum. Sua difusão ocorre de mão-em-mão, nos eventos que são realizados, ou através de trocas de correspondências e não apresentam uma periodicidade definida. E o mais importante “qualquer um pode publicar o seu a qualquer momento, sem precisar de quorum ou de reivindicar representatividade” (CAIAFA, 1985, p. 27).

A música *punk* também é um importante meio de difusão de idéias e opiniões do movimento. É comum observarmos em suas letras aquilo que afligem os jovens em seu cotidiano: crises, misérias, violências e tudo aquilo relacionado com o sistema⁴ em que estão inseridos. Enfim, são letras que denunciam tudo aquilo que está acontecendo na sociedade, que desafiam o *status quo*, o que para Abramo (1994) é a sublinhagem dos “traços negativos” presentes em sua realidade.

Homens que se fardam para combater
Alistam-se aos dezoito com intuito de morrer
Acham-se os heróis nacionais
Alienados por leis governamentais
Suas famílias choram de emoção, sabendo das perdas que um dia terão.
Sabendo das perdas que um dia terão suas famílias choram de emoção
Leis idiotas alienação
Arrumam até desculpa pra invadir outra nação

Suicida por Obrigação, WC Masculino⁵.

Também devemos considerar relevante para o estudo a inserção do *hardcore*. O *hardcore* pode ser considerado um núcleo de resistência dentro do *punk*. Segundo Caiafa (1985) para o *hardcore* o “instrumento é o rangido, o vocal é o grito, cada música são segundos. É o não tocar, não cantar: anti-música. Só o atrito” (p. 124). São músicas rapidíssimas (existe ainda uma mais rápida, o *loud-fast*), que duram no máximo um minuto, que de tão gritado às vezes não dá para entender o que estão cantando. É necessário, portanto “força física na bateria, rapidez aguda no baixo e na guitarra e o vocal tem que fazer frente a essa violência percussiva com muito volume e potência” (CAIAFA, 1985, p. 109).

Então, o *punk* e o *hardcore* estão muito unidos e apresentam poucas distinções. Muitos afirmam o *hardcore* é outro grupamento urbano juvenil, (COSTA, TORNERO e TROPEA, 1996), que surgiu na metade da década de 80, nos Estados Unidos. Porém, para outros, o *hardcore* é uma derivação da música *punk*. Não se chegou a nenhuma conclusão durante a realização da pesquisa, pois os argumentos e defesas são diversas, confusas e conflitantes. Mas no artigo será utilizada a expressão *punk/hardcore*.

O *punk* representou para o mundo um revigoramento da atuação dos jovens na sociedade. Uma nova forma de encarar e enfrentar o mundo, feito de tal forma que a negação do futuro é um traço fortíssimo e a sua construção sob a negatividade é uma reação, uma forma de se afirmar.

Da mesma forma que não está vinculado necessariamente a nenhuma forma de organização política, pois ele não surge com esta pretensão. E isto é algo que confunde as pessoas, pois imaginam que este movimento pode e tem a obrigação de atuar politicamente, participando de manifestações entre outras coisas.

É através da necessidade de revigoramento entre os jovens que o *punk* irá emergir em Goiânia, cantando suas angústias e se divertindo, e em decorrência disto têm-se a formação dos seus territórios. São apropriações em locais nunca antes imaginados, que causam

estranhamento e até mesmo conflitos com as pessoas que estão próximas aos espaços escolhidos. Mas que graças a isto mantém o seu vigor e a sua originalidade, bem como seus atuais territórios na cidade.

Hocus Pocus e Capim Pub: territórios de resistência punk em Goiânia

No Brasil os primeiros ecos do *punk* nas cidades brasileiras surgiram em plena Ditadura Militar. Porém, Goiânia terá seu contato com o *punk* tardiamente, no ano de 1987, após o acidente radioativo com o Césio 137. É a partir deste acontecimento que surgirá uma das primeiras bandas de *punk/hardcore* da cidade, a banda HC-137 (Horrores do Césio – 137). Esta banda atua juntamente com as vítimas deste acidente, promovendo passeatas, fabricando camisetas e compondo músicas. Abaixo, tem-se um exemplo de suas composições:

Corpos mutilados
Saúde afetada
Sua pele está marcada
Isso são apenas seqüelas deixadas

Que o tempo não curou (2x)

O horror da vítima não é só a contaminação
Também são os espoliados pela discriminação.

Que o tempo não curou (2x)

Eles sempre guardarão péssimas lembranças
Dos horrores do Césio-137

Horrores do Césio-137, Banda HC-137⁶.

O surgimento de indivíduos *punks* na cidade é até algo impensado para grande parte de seus habitantes, uma vez que ela carrega consigo o rótulo de cidade *country* do país. Desta forma, ver um jovem que adere ao *punk* em todo o seu estilo – camisetas e calças rasgadas, moicanos, cintos e jaquetas com rebite, tênis ou coturnos bastantes gastos – causa certa estranheza às pessoas que não estão acostumadas com este visual.

Para que este movimento se consolidasse na cidade alguns espaços foram de extrema importância para a manifestação desta cultura: de praças a lojas de discos, de bares a teatros, até chegar a dois territórios de resistência que temos atualmente, uma loja, a *Hocus Pocus*, e uma antiga distribuidora de bebidas transformada em *pub*, o *Capim Pub*. Porém, é bom

destacar que os *punks*, como bons provocadores e não conformistas que são também freqüentam outros espaços, às vezes contraditórios, mas são nestes dois espaços que eles podem atuar sem maiores constrangimentos.

É necessário esclarecer que não há e nunca houve nenhum território estritamente *punk* na cidade (aliás, sempre houve um número muito restrito de pessoas que aderiram a este movimento). O que ocorre são apropriações resultantes de situações diversas relacionadas a encontros e diferentes formas de lazer, em diferentes temporalidades. Nada muito fixo e com regras definidas.

Inicialmente, como primeiro território apropriado, ocupado e dominado, mesmo que por pouquíssimo tempo, tive-se o Bosque dos Buritis, no Setor Oeste, em frente ao Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, bairro nobre da cidade. Este bosque abrigava reuniões do Movimento *Anarcopunk* de Goiânia (MAP), com debates, produções de *fanzines* e *shows*, que aconteciam aos finais de semana, e se estendiam da tarde até à noite. Era um choque tremendo entre duas realidades.

Era, na verdade, um jogo de poder entre os habitantes daquele bairro e os “invasores” que ali se instalavam. Ou, conforme afirmou Souza (2001), era uma relação em que estavam bem separados os “*insiders*”, que no caso eram os moradores daquela localidade, e os “*outsiders*”, os *punks*, que enfrentavam a comunidade ali estabelecida. Eles apropriavam-se do seu espaço, transformavam-no em seu território momentâneo.

Conflito mais do que declarado, afinal não eram bem vistos pela sociedade. Devido aos inúmeros atritos que foram ocorrendo entre os habitantes daquele bairro e os jovens *punks* este espaço foi sendo aos poucos substituídos por outros.

Recorreu-se a Praça Universitária e os Diretórios Centrais de Estudantes (DCE’s) das universidades Federal e Católica que serviram para suas ações e atuações, baseadas principalmente em músicas, produções e distribuições de *fanzines*. Eram locais encarados como meros abrigos para os seus eventos, uma vez que os *punks* rejeitam a universidade e todo o seu aparato de conhecimento baseado em regras e normalidades.

Porém, estes espaços mais uma vez foram abandonados devido a disputas pelo território: a praça está atualmente sob o domínio de pequenos grupos de assaltantes e traficantes, enquanto que os DCE’s passaram por diversas mãos que dificultaram a sua acessibilidade no local.

No período de 1988 até o ano de 2007 o *punk* encontrou diversos territórios onde seus adeptos podiam manifestar-se livremente. Estes territórios ou são no Setor Central ou muito

próximo a ele, uma vez que facilidade de acesso é a principal causa para esta concentração, já que se deslocar para a periferia da cidade é mais difícil.

Dentre os locais que já foram freqüentados e ainda são pelos *punks* tem-se a *Hocus Pocus* e o Cantoria (este local há muito tempo não recebe eventos destinados ao *punk/hardcore*), na Avenida Araguaia; Lanchonete Cristina, na rua 3 ambos no Setor Central; *Capim Pub*, na rua 5 e *Horda Sex Rock* (local que atualmente se encontra fechado) na rua 59-A no Setor Aeroporto; Praça Universitária, no Setor Universitário, que é novamente utilizada pelo Movimento *Underground* Unido (MUU); Bosque dos Buritis e Praça do Sol, no Setor Oeste, que por problemas relacionados com os moradores e com os *punks/hardcores* foram aos poucos abandonadas. A figura 01 nos mostra dois espaços importantes para o *punk*: o *Capim Pub* e a Lanchonete Cristina entre os anos de 2003 a 2007.

Foi no bar Cantoria que a atuação da Liga *Hardcore* se deu de forma mais efetiva, com a realização de *shows* e outros eventos, como debates e discussões políticas. A Liga *Hardcore* foi criada a partir de questionamentos de alguns jovens mediante a situação que estava imperando na cidade. Observava-se, naquele momento, uma insatisfação com a aquela cena *rocker* onde uma panelinha era que comandava e organizava todos os *shows* e eventos da cidade, o qual tinha as mesmas bandas que tocavam não abrindo espaço para as novas que estavam surgindo naquele momento.

Hoje em Goiânia temos como bandas ligadas ao *punk* e ao *hardcore*: *Taenia Solium*, banda ligada ao *anarcopunk*; HC-137, sobrevivente da chamada primeira geração; Desastre, uma das mais conceituadas bandas *punk* da cidade, com três cd's lançados; *Sujismundo*; WC Masculino; *Death from Above*; *Señores* entre mais algumas que brotam dos interiores dos diversos estúdios espalhados pela cidade. É literalmente a explosão do espírito *punk*: *Do It Yourself*.

Desta forma, o Setor Central foi muito importante para a consolidação do *punk* na cidade, pois lá se concentravam as agências de correios utilizados por eles e suas respectivas caixas postais; além de concentrar lojas destinadas à venda de produtos ligados ao universo do *rock'n'roll*. Nas palavras de uma entrevistada: “Aliás, o centro da cidade como um todo é um lugar importante. Sempre íamos a sebos atrás de discos raros e havia algumas lojas especializadas em rock”. Dentre estas lojas tinham-se *Sub Way*, *Sonic*, e, a *Hocus Pocus*, que, aliás, é a única remanescente deste período.

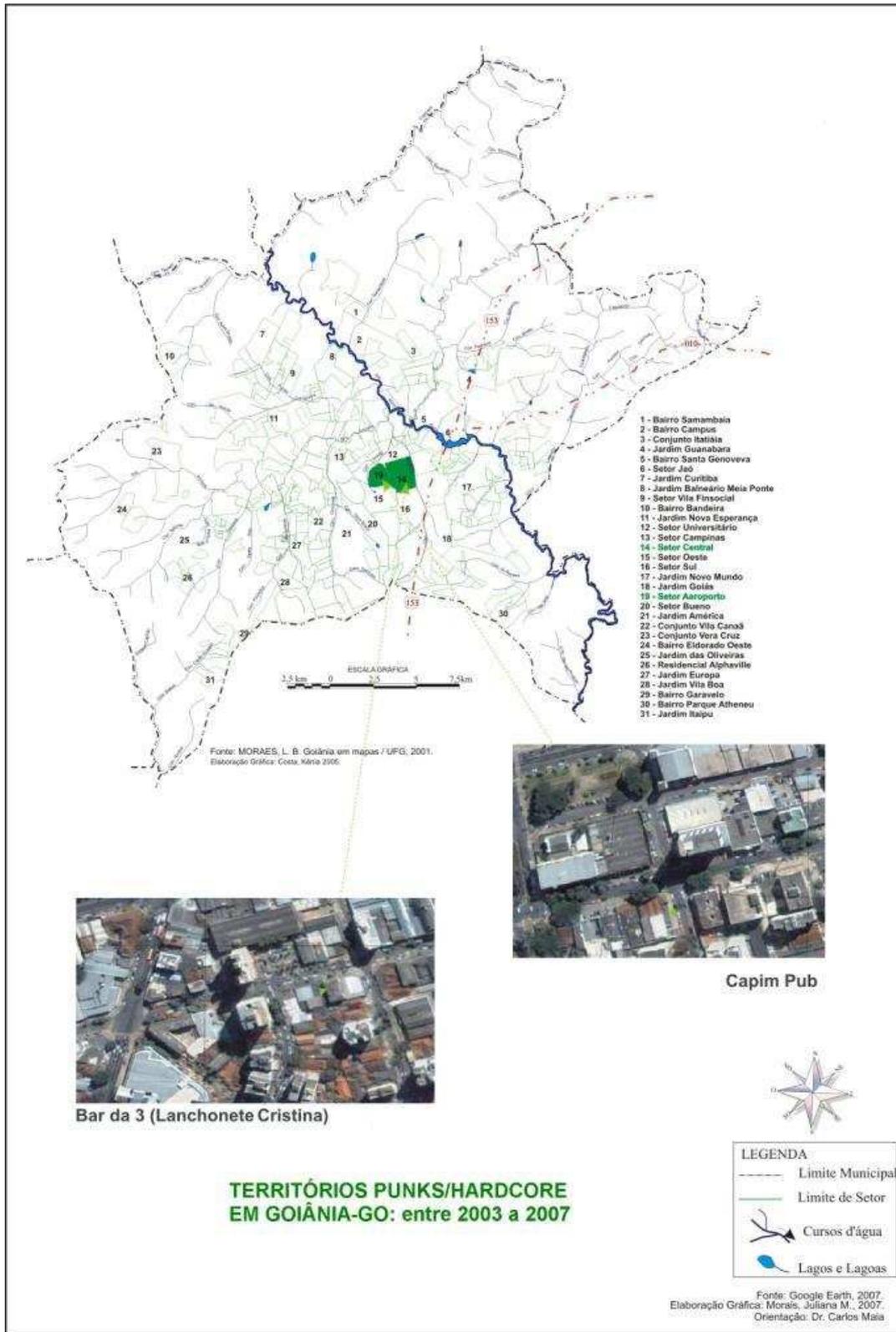


Figura 01: Territórios Punks/Hardcore em Goiânia: entre 2003 e 2007.

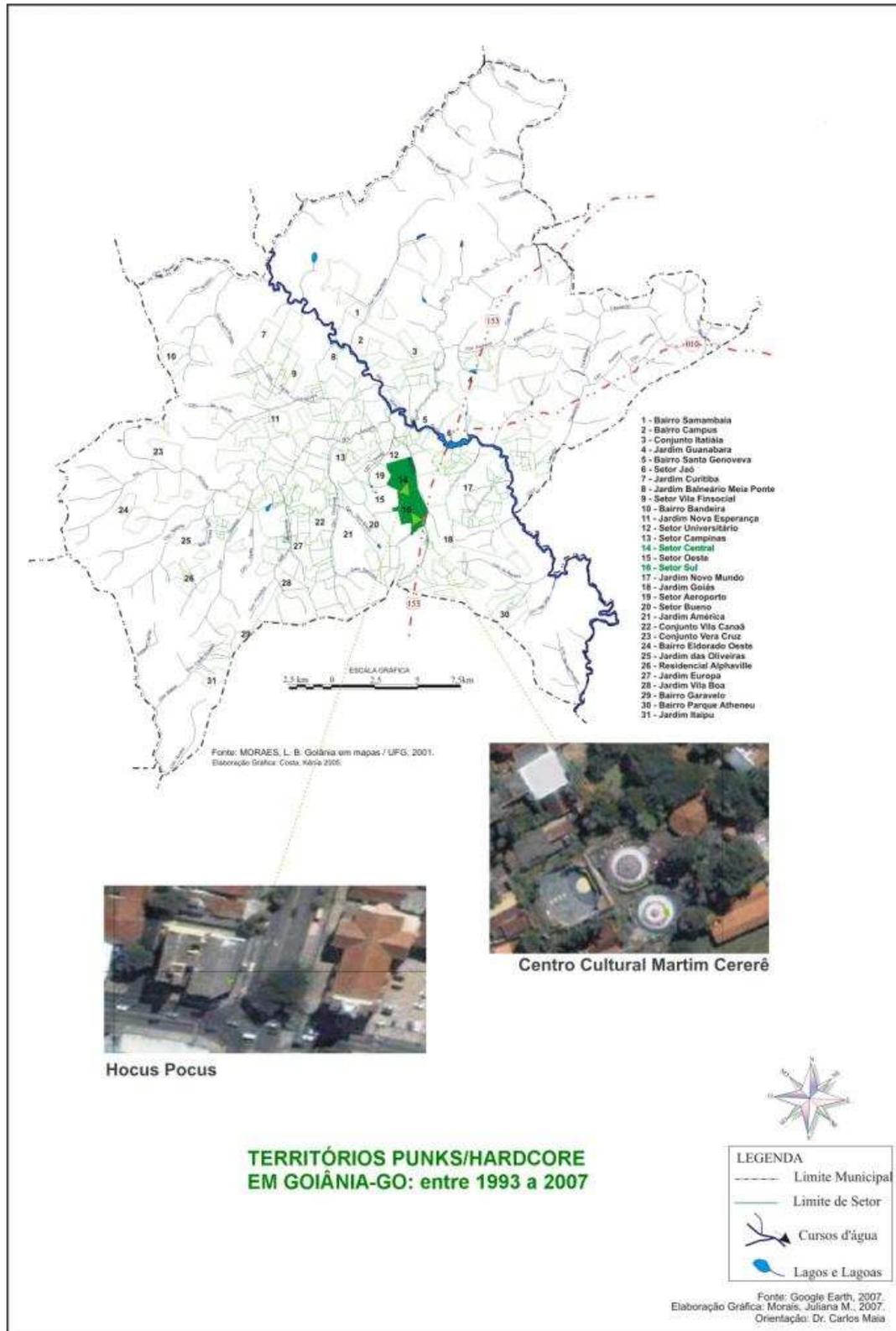


Figura 02: Territórios Punks/Hardcore em Goiânia: entre 1993 e 2007.

É a partir desta importância que se consolida a *Hocus Pocus*, uma loja que completou 17 anos no ano de 2009, e se firmou como um ponto de reunião de jovens que têm em comum

o gosto pelo *rock'n roll* (ver figura 02). Esta loja vende cd's, dvd's, camisetas (de bandas geralmente), HQ (histórias em quadrinhos), gibis, insensos, revistas usadas, *pathes* e bótons entre outras tranqueiras do universo *rocker*.

A figura 02 também nos mostra um importante local para a cena *rocker* da cidade: o Centro Cultural Martim Cererê. É um lendário teatro que se transformou, ao longo dos tempos e à custa de muito trabalho, na casa por excelência para a manifestação e disseminação da cultura *rocker* em Goiânia. É neste local que ocorrem os dois maiores eventos da cidade ligados a este gênero musical, o *Goiânia Noise Festival* (aliás, devido a sua grande repercussão o evento mudou de casa, agora está acontecendo no Centro Cultural Oscar Niemeyer), o Bananada e outros diversos eventos de menor repercussão nacional, mais não menos importantes para o cenário *underground*.

Voltando a *Hocus Pocus*, quando não há nenhum *punk* na loja o local apresenta aspecto um tanto morto, sem vida. Só aparecem uns poucos compradores de revistas pornográficas que, por não apresentarem nenhuma ligação com aquele local, ficam somente por um instante, levam só o tempo de escolher o que levar e vão embora.

Tudo se modifica quando os *punks* vão para aquela loja. Tanto o interior quanto o exterior da *Hocus Pocus* se tornam momentaneamente território deles, nem que seja por um pequeno momento, por um pequeno instante. Ali eles se tornam visíveis para a sociedade goianiense. As pequenas reuniões dos *punks* que ocorrem na loja têm como objetivo simplesmente conversar, trocar informações, enfim, algo importante para saber do que está acontecendo no cenário *underground* da cidade. É também lá que acontecem as festas de aniversário da loja, onde diversas bandas do cenário *underground* da cidade são convidadas a tocar.

Não existe uma temporalidade fixa para ocorrer visitas à *Hocus Pocus*, mas geralmente é no final da tarde, como uma parte preparatória para a noite. Mas, às vezes pessoas solitárias ficam sentadas na calçada esperando algo acontecer. Momento solitário, mas que demonstra o quão à loja é importante para a sua identidade.

Outro território que vem se consolidando para a cultura *punk* é o *Capim Pub* (que durante o ano de 2008 ficou fechado para reformas). É um local um pouco difícil de ser encontrado. Não há nada indicando o *pub*. Nenhuma inscrição nas paredes indicando o local, algo camuflado para a sociedade goianiense. Esta falta de visibilidade pode ser considerada uma estratégia para a manutenção do seu território, pois se há poucas pessoas que sabem qual

é a sua real localização, melhor é para a sua manifestação cultural, evitando-se até pequenas rixas e/ou tretas.

Seu aspecto lembra uma revendedora de cerveja, aliás, uma casa de comércio, ou seja, algo bem improvisado. Lá dentro o espaço é minúsculo, apertado e abafado, com um pequeno balcão de bebidas, mas dividido em dois ambientes, um a céu aberto e outro fechado destinado a discotecagem e para shows, um sofazinho e um banheiro.

É um local onde ocorrem diversos eventos, mas aqueles destinados à música são mais frequentes. Assim, quando há algum evento voltado exclusivamente à cultura *punk/hardcore* o local se vê invadido por jovens de todas as partes da cidade, afinal é um dos poucos lugares em que a sonoridade ainda tem vez. Os grandes festivais geralmente ocorrem nos finais de semana, sábado ou domingo.

A rua é invadida por pequenos grupos de jovens, e também não tão jovens assim, que estão à procura de diversão com os amigos. A formação de pequenos grupos acaba determinando quem é mais chegado a quem, o que às vezes determinam certo grupismos de características sectárias.

É um território apropriado que define claramente quem é ou não do “pedaço”, ou seja, estabelece um limite claro. Pois os olhares para aqueles que não são da cena, ou pelo menos não vão lá constantemente são desafiadores, e até constrangedores, confirmando Silva (2002):

Os territórios urbanos podem ser demarcados por um limite preciso que, muitas vezes, não é perceptível para a população local (...) Outros territórios urbanos são demarcados por limites simbólicos, como posturas, formas de condutas, vestimenta, e até mesmo formas de comunicação oral. O limite da atuação territorial pode ser, então, um limite cultural, comportamental, social, onde a pessoa ‘diferente’ não pode usufruir do mesmo espaço por não ‘pertencer’ a ele (p. 31).

O *Capim Pub* atualmente enfrenta um pequeno problema: vizinhos versus *punks*. Por se tratar de um local residencial, os problemas estão ocorrendo com maior frequência. O som sai completamente do ambiente, já que a acústica do local não é boa, e, além disso, devido às bebedeiras que ocorrem nas calçadas acabam incomodando os vizinhos. São olhares estranhos e polícia circulando o tempo todo. Algo totalmente diverso do que ocorre na *Hocus Pocus*, pois se trata de um ambiente comercial, onde não há residências próximas.

Atualmente, são estes dois locais, a *Hocus Pocus* e o *Capim Pub*, que se mantêm como o principal local de apropriação dos *punks*. Ou seja, não há muitas alternativas na cidade, pois aqueles que os acolhiam anteriormente não existem mais. É uma forma de o *punk* resistir na

cidade. Porém, desde o final do ano 2008 têm ocorrido com frequência *shows* na Casa das Artes para o *punk* e *hardcore*. Um espaço a mais para a diversão.

Tanto a *Hocus Pocus* quanto o *Capim Pub* são territórios na medida em que os *punks* exercem seu poder de dominação e se apropria do espaço para utilizarem a seu bel prazer. Assim, são territórios apropriados para conversarem, ficarem à toa em seu momento de não fazer nada e para escutar a sua música preferida, abrindo espaço para aquelas bandas que precisam se estabelecer no cenário *underground* e também porque não há outros locais disponíveis para as apresentações.

A não fixação de regras é uma importante característica destes territórios: pode ser ao final da tarde, início da noite, meio de semana, ou ao final dela. Pode ser simplesmente para conversar ou escutar uma banda *punk*, agitar e se divertir. Mas as suas existências podem ter um único significado: o *punk* resiste na cidade de Goiânia, graças à existência destes espaços. E também graças a persistência de alguns, jovens ou não, que levam consigo a bandeira do “*The punk’s not dead*”.

Considerações Finais

Escolher estudar um grupo tão marginalizado pela sociedade quanto o *punk* foi um desafio muito grande, uma vez que o universo acadêmico não é bem visto neste meio. Assim, as dificuldades foram muito grandes. Porém, foi bastante enriquecedor. Vale ressaltar que o cenário *underground* de Goiânia é muito contraditório. São aspectos que diferem muito um do outro, relacionados principalmente em relação a opiniões e ações, que divergem a todo o momento, e que refletem na apropriação de um território qualquer.

Os olhares estranhos e desafiadores, observando o intruso; conversas à vezes triviais, mas sem encarar você; olhares sempre desviados, mas ao mesmo tempo curiosos. E isto se refletiu na participação da pesquisa. Enquanto uns falavam sempre e a todo o momento, outros não; enquanto uns expunham suas opiniões outros se isolavam. Algo que remete à estratégia para manter o seu território afastado dos olhares curiosos e padronizadores, como ocorre com o ambiente científico. As conversas fluíam principalmente após estar acompanhada por alguém da cena, mas ainda assim limitados a um simples “como vai?”; “e ae, tudo bem?”; “gosta desta banda?”; “onde você mora?”.

Os dois territórios atuais onde o *punk* ainda tem vez, a *Hocus Pocus* e o *Capim Pub*, são muito importantes, pois são os únicos locais que são freqüentados sem constrangimento

nenhum pelas pessoas que aderiram a este movimento. A não fixidez de regras para a sua manutenção é importante, as situações inesperadas, conversas jogada fora à toa, acabam dando ao *punk* uma característica a mais.

A Hocus Pocus é uma sobrevivente da chamada primeira geração, e são os *punks/hardcores* que matem um maior vínculo com a loja, que lhe dão vida em determinados momentos. O *Capim Pub* é pura descontração, principalmente nos dias em que os *shows* escalados são exclusivamente para o *punk/hardcore*.

De qualquer modo é necessário haver maior opção para jovens e velhos da cena, pois ao centralizar todos os eventos em um só lugar é complicado e limitante. Atualmente a Casa das Artes (localizada no Setor Oeste, próximo ao Zoológico de Goiânia) e alguns bares estão abrindo seu espaço para a cultura *punk/hardcore*, porém ainda é pouco.

É bom lembrar que a época de maior fervor já passou e a cidade enfrenta uma espécie de letargia em relação a uma maior movimentação de toda a cena. Deve-se ressaltar que o viés político nunca foi muito forte, havendo algumas adesões esporádicas ao anarquismo. Contudo, é através destes dois espaços que o *punk* resiste na cidade.

Notas:

¹ Graças, é claro, ao tratamento que os meios de comunicação dão a alguns casos, mas também devido a alguns indivíduos que aderem ao *punk* e/ou *hardcore* como forma de extravasar todas as formas de violência e angústias de alguns jovens. O livro de O'Hara (2005) traz uma importante discussão sobre o papel dos meios de comunicação para as distorções do movimento *punk*, bem como do papel de uns poucos indivíduos que aparecem dentro da cena somente para desconstruir o que é realizado através de brigas, uso abusivos de algumas drogas e bebidas.

² Significa dividir um cd entre duas ou mais bandas (O'HARA, 2005), algo muito comum dentro da música *punk/hardcore*, afinal produzir e disponibilizá-lo é muito oneroso, ainda mais para grupos com pouco ou nenhum recurso financeiro.

³ O jovem irá surgir no cenário mundial como portador e produtor de uma cultura própria na década de 1950, em pleno pós-guerra. Assim, o lazer e consumo serão cada vez mais importantes para a caracterização do jovem, como a música que é encarada como essencialmente jovem, o *rock'n roll*. Porém o *rock*, enquanto uma cultura juvenil terá como principal objetivo o entretenimento, conforme O'Hara (2005) "o rock tem sido apenas uma outra parte da indústria do entretenimento em constante crescimento" (p. 30). Daí toda a rejeição dos *punks* e *hardcores* por bandas ditas comercializáveis demais, mesmo que venham com o rótulo de *punk* e *hardcore*.

⁴ A palavra sistema pode parecer um pouco vaga para as pessoas, mas ela designa, para os *punks*, "tudo aquilo que produz sofrimento com suas mentiras e enganos" (CAIAFA, 1985, p. 83), e pode representar desde o Estado, alguns políticos e meios de comunicação como a Rede Globo entre outros.

⁵ Música da banda WC Masculino, um dos grandes destaques da cena *punk/hardcore* da cidade, que foi gentilmente cedida por Tiago Slake, vocalista da banda, em uma de nossas várias conversas na porta da *Hocus Pocus*.

⁶ Música retirada do site: www.tramavirtual.com.br/HC-137.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano**. São Paulo: Scrita, 1994.

BRANDÃO, Antônio Carlos e DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais de Juventude**. São Paulo: Moderna, 1990. (Coleção Polêmica).

CAIAFA, Janice. **Movimento Punk na Cidade: A Invasão dos Bandos Sub**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

CANHÊTE, Daniela Lemes. **Ecossistema do Subterrâneo: A questão da juventude e do movimento punk como subcultura**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, Faculdade Ciências Humanas e Filosofia. Goiânia, 2004.

COSTA, Pere-Oriol; TORNERO, José Manuel Pérez; e TROPEA, Fabio. **Tribus urbanas**. Barcelona: Editorial Paidós, 1996.

ESSINGER, Sílvio. **Punk: Anarquia Planetária e a Cena Brasileira**. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Coleção Ouvido Musical).

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. Niterói: Ed. UFF; São Paulo: Contexto, 2002.

MACHADO, Mônica Sampaio. Geografia e Epistemologia: Um Passeio pelos Conceitos de Espaço, Território e Territorialidade. **GEO UERJ**. Rio de Janeiro, n.1, p. 17-32, jan. 1997.

McNEIL, Legs e McCAIN, Gillian. **Mate-me por favor: Uma história sem censura do punk**. São Paulo: LP&M, 1997.

O'HARA, Craig. **A Filosofia do punk: mais do que barulho**. São Paulo: Radical Livros, 2005.

SILVA, Jan Carlos. O Conceito de Território na Geografia e a Territorialidade da Prostituição. In: ANGELO, Miguel. **Território e Prostituição na Metrópole Carioca**. 1. ed. São João de Meriti, Rio de Janeiro: Ed. Ecomuseu Fluminense, 2002. p. 16-56.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; e CORRÊA, Roberto Lobato (Org). **Geografia: conceitos e temas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p., 77-116.